

O CARISMA MONÁSTICO CRISTÃO: SOLIDÃO E COMUNHÃO

Cláudia Regina Bovo

No latim medieval a palavra *ecclesia* (igreja) se revestiu de três significados fundamentais: designava a sociedade espiritual constituída pelo conjunto dos cristãos, a comunidade de fiéis seguidores do exemplo de Cristo. Também referia-se materialmente aos espaços de culto, edificadas ou não, onde essa comunidade tendia a se reunir. E, em ocorrências mais raras e tardias, a *ecclesia* ainda expressava o corpo profissional daqueles homens dedicados a salvaguardar a fé cristã e fazê-la prosperar, ou seja, os eclesiásticos. Essa polissêmica definição permeia a leitura de qualquer documento produzido na Idade Média, ao mesmo tempo que se constituiu fundamentada e legitimada pelas Sagradas Escrituras, como atesta as palavras atribuídas a Jesus no Evangelho de Mateus (16, 18): “Tu es Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja”. Essa passagem ao mesmo tempo em que indica a comunidade dos crentes, fundamenta a existência de uma hierarquia, destacando o papel privilegiado de Pedro apóstolo, a quem foi incumbida a tarefa de edificar a Igreja¹.

Nesse sentido, a *ecclesia* (igreja comunidade, local de reunião da comunidade e corpo profissional dos eclesiásticos) se inscreveu no seio da sociedade medieval através de um duplo processo de espiritualização das relações sociais e de sua hierarquização. Bispos e sacerdotes aparecem como expressão oficial do corpo profissional cristão, enquanto lideranças comunitárias do culto, especializados em guiar pela fé cristã e também atuar no serviço público do Império Romano após os éditos de Milão (liberdade de culto de 313) e de Tessalônica (oficialização do cristianismo como religião do romana de 380). Já os monges, esses cristãos leigos que escolheram viver à margem da sociedade, tornam-se parte importante desse corpo profissional eclesial justamente no apelo à fuga do mundo como meio de entrega definitiva à contemplação divina e também como uma forma de comunhão com o mundo pelo compromisso disciplinar da oração constante.

Não é novidade que o monaquismo cristão nasceu como movimento de larga escala e múltiplas expressões a partir do deserto egípcio, entre os séculos III e IV da Era Comum. Também não é novidade que ao longo da Idade Média, os monges cristãos, em suas múltiplas expressões comunitárias, ocuparam papel de destaque na condução espiritual de diversas sociedades durante toda a Idade Média, chegando a alcançar importância política, econômica e marcando, definitivamente, os contornos da cultura cristã para a posteridade. Sob o carisma da solidão e do martírio físico, os grupos monásticos se tornaram potentes instituições modeladoras de condutas e intercessores privilegiados de toda a sociedade cristã.

Como afirmou João Cassiano no breve sumário da história monástica presente em suas conferências, diferentes tipos de cristãos surgiram com a multidão de estrangeiros e conversos que afluíram para a igreja após os éditos imperiais. O modo de vida solitário tornou-se então a expressão tangível do cristão fervoroso: daqueles que queriam seguir o “caminho original e perfeito para vida”. O que os motivou a buscar a vida solitária não foi a covardia ou a intolerância, mas o desejo de avançar na contemplação de Deus. Essa é a perspectiva defendida não só por João Cassiano, mas também Atanásio de Alexandria. Suas obras ajudaram a dar publicidade a essas experiências de vida austera e

¹ “Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mat, 16, 19).

também a enquadrá-las numa disciplina institucionalizada sob a égide episcopal. Esta defesa do modo de vida solitário encontrou muitos expoentes no corpo episcopal, como Atanásio, Hilário de Poitiers, Agostinho e Gregório Magno, entre outros.

Em termos institucionais para o cristianismo, a defesa da reclusão solitária provocou a divisão e diferenciação entre os cristãos, com surgimento de hierarquias sustentadas na prerrogativa de que alguns, por ter acesso à graça divina, estavam mais preparados para seguir o exemplo do sacrifício de Cristo e do missionarismo apostólico. O sacrifício e o apostolado não eram inclinações destinadas a toda comunidade cristã. Os monges se tornaram os exemplos da purificação alcançada pela extrema ascese, ao mesmo tempo que eram habilitados na função de intercessores-mediadores-guias-articuladores da economia moral necessária à salvação de toda comunidade cristã!

Para saber mais

LECLERCQ, Jean. O amor às letras e o desejo de Deus: iniciação aos autores monásticos da Idade Média. São Paulo: Paulus, 2012.

LITTLE, Lester. Monasticism and western society. From marginality to the establishment and back. *Memoirs of the American Academy in Rome*, V. 47 (2002), p. 83-94.

MELVILLE, Gert. The world of medieval monasticism. Its history and forms of life. Collegville: Cistercian, 2016.

BOVO, Cláudia Regina. O carisma monástico cristão: solidão e comunhão. *Vida Monástica*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 22 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>